

*Discurso por ocasião do jantar em  
homenagem ao senhor secretário-geral  
da organização das Nações Unidas,  
Boutros Boutros-Ghali*

PALÁCIO DA ALVORADA, BRASÍLIA, DF, 20 DE FEVEREIRO DE 1996

É um prazer para mim, Senhor Secretário-Geral, tê-lo como convidado para jantar em minha casa. O Brasil orgulha-se em receber um estadista de renome, dedicado à promoção da paz e do desenvolvimento universal.

Em todas as partes, as pessoas passaram a reconhecer no Secretário-Geral das Nações Unidas uma das principais personalidades políticas mundiais. As Nações Unidas sempre foram associadas às idéias de paz duradoura, de que a razão deve prevalecer sobre a força, de que o respeito pelos direitos humanos seja observado internacionalmente, para que os horrores de antigos desastres causados pelo homem não sejam repetidos. No mundo inteiro, a ONU é também ligada à promoção de melhores padrões de vida para toda a humanidade. As pessoas aprenderam a respeitá-la e a confiar nela.

Como membro fundador das Nações Unidas, o Brasil está comprometido com a defesa e a promoção dos princípios e propósitos da Carta da ONU. Nós queremos fazê-lo de todas as formas, através das palavras e através da ação.

Esse compromisso é um dos pilares de nossa política externa e refletem valores muito caros aos brasileiros.

Senhor Secretário-Geral, as Nações Unidas completaram 50 anos. Este é um momento simbólico, um momento para reavaliar o seu papel em um mundo que mudou profundamente.

Durante as comemorações em Nova York, em setembro último, nós saudamos, com justa razão, as conquistas das Nações Unidas ao longo dos 50 anos. Mas nossa Organização deve ser reformada, para que ela possa enfrentar com êxito os desafios das novas realidades internacionais do período pós-Guerra Fria. O fim do conflito ideológico traz a perspectiva de fazer da ONU um verdadeiro mecanismo de defesa coletiva, desde que a ela sejam assegurados os meios e o necessário apoio político para atuar em nome da comunidade das nações.

Nós não podemos – nós não devemos – permitir que as Nações Unidas fiquem paralisadas justamente quando sua contribuição é mais necessária. Precisamos estar preparados para mostrar o empenho político de mudar aquilo que precisa ser mudado, deixando de lado considerações egoístas, num debate que envolve muito mais do que uma mera competição por prestígio individual.

A política de poder não pode se tornar um fator dominante no debate sobre a reforma do sistema das Nações Unidas. Afinal, as Nações Unidas foram criadas como um instrumento de paz e entendimento universais, como um meio de solucionar conflitos através da negociação e do diálogo – justamente como uma alternativa à política de poder.

Nós devemos ter como objetivo maior um pacote de reformas coerente e equilibrado. Essa é a única maneira de assegurar, a longo prazo, uma distribuição adequada de deveres e responsabilidades entre os Estados membros. Os objetivos da reforma devem guiar-se pela necessidade de dar à ONU os meios de promover a solução de controvérsias com flexibilidade e legitimidade, de lidar com os desafios do desenvolvimento, criando novas idéias capazes de aliviar a pobreza, de redefinir mecanismos para a cooperação entre os Estados.

Em outras palavras, é um imperativo fornecer às Nações Unidas os recursos adequados para desempenhar seu mandato. A forma

mais fácil de fazer isso seria que os Estados membros cumprissem com suas obrigações financeiras para com a Organização de maneira razoavelmente pontual.

Senhor Secretário-Geral, o Brasil tem o firme compromisso de lutar por uma ONU mais forte e dinâmica.

É por isso que estou pessoalmente empenhado em garantir que nossas contribuições financeiras sejam pagas integral e pontualmente. Esse não é um pequeno sacrifício para um país com tantas necessidades prementes como o Brasil. Acredito que essa seja uma das melhores formas de mostrar um verdadeiro compromisso com as Nações Unidas nestes tempos difíceis.

O Brasil está demonstrando seu compromisso com a Carta também em outras áreas, particularmente através da participação em operações de paz, como a Unavem-III.

Senhor Secretário-Geral, nós sabemos bem que o cargo de Funcionário Público Internacional Número Um requer, como Vossa Excelência mesmo já disse várias vezes, um equilíbrio delicado entre realismo e responsabilidade. Encontrar esse equilíbrio é uma tarefa difícil, mas Vossa Excelência tem demonstrado repetidamente a sensibilidade política para fazê-lo.

Durante o seu mandato, a ONU promoveu uma série de conferências sobre temas globais. Essas conferências apontaram novos horizontes para os problemas que afetam a humanidade como um todo. Elas constituem uma parte significativa do êxito das Nações Unidas no início da década de 90.

O Brasil reconhece sua competência à frente das Nações Unidas. Esteja certo, Senhor Secretário-Geral, do apoio de meu país a seus esforços para revitalizar nossa Organização.

É com esse espírito que quero fazer um brinde aos ideais que criaram as Nações Unidas 50 anos atrás, aos homens, como Vossa Excelência, Senhor Secretário-Geral, e às mulheres que têm ajudado a manter viva a chama da esperança para os povos do mundo.

Muito obrigado.

